

ASPECTOS CULTURAIS DO SISTEMA PREDICATIVO DA FALA VILABOENSE

Data de submissão: 13/02/2023

Data de aceite: 03/04/2023

Raiani Sena Neves

Universidade Estadual de Goiás
Barra do Garças – MT
<http://lattes.cnpq.br/6810553031383747>

Eduardo Almeida Flores

Universidade Federal de Mato Grosso
Barra do Garças – MT
<http://lattes.cnpq.br/0365313225456137>

RESUMO: O objetivo desse trabalho é analisar as construções predicativas na fala goiana na perspectiva da Linguística Funcional Centrada no Uso e dos estudos culturais. Para isso, foram analisados inquéritos do banco de dados do Grupo de Estudos Funcionalistas da Universidade Federal de Goiás (GEF-UFG), no Projeto “Fala Goiana”, que constituirá o *corpus* da pesquisa. Como referencial teórico, utilizamos os trabalhos de Dik (1997), Fillmore (1996), e Fauconnier (1994), Tomasello (1999) e Everett (2019). Parte-se do conceito que as construções predicativa se constituem como um esquema cognitivo que instanciam diferentes organizações predicativas na língua seguindo regras que orientam a realização das construções linguísticas. Estas organizações são parte

do conhecimento cultural dos falantes. Por isso, conseguimos identificar as algumas construções predicativas com organizações sintáticas que difere do padrão mais prototípico no Português Brasileiro (SVO). Nessas organizações, observamos fenômenos como alçamento, rebaixamento e apagamento de elementos constituintes na elaboração sintática na fala goiana. Assim consideramos que estas construções encontradas no sistema predicativo da fala vilaboense seja parte da cultura e do conhecimento linguístico dos falantes.

PALAVRAS-CHAVE: Língua. Cultura. Predicação.

CULTURAL ASPECTS OF THE PREDICATIVE SYSTEM OF VILABOENSE SPEECH

ABSTRACT: The aim of this work is to analyze the predicative constructions in Goiás speech from the perspective of Functional Linguistics Centered on Use and cultural studies. For that, inquiries from the database of the Group of Functional Studies of the Federal University of Goiás (GEF-UFG) were analyzed, in the “Fala Goiana” Project, which will constitute the corpus of the research. As a theoretical framework, we

use the works of Dik (1997), Fillmore (1996), and Fauconnier (1994), Tomasello (1999) and Everett (2019). It starts from the concept that the predicative constructions are constituted as a cognitive scheme that instantiate different predicative organizations in the language following rules that guide the realization of the linguistic constructions. These organizations are part of the cultural knowledge of the speakers. Therefore, we were able to identify some predicative constructions with syntactic organizations that differ from the most prototypical pattern in Brazilian Portuguese (SVO). In these organizations, we observe phenomena such as raising, lowering and erasing constituent elements in the syntactic elaboration in Goiás speech. Thus, we consider that these constructions found in the predicative system of Vilaboense speech are part of the culture and linguistic knowledge of the speakers.

KEYWORDS: Language. Culture. Predication.

1 | INTRODUÇÃO

Neste trabalho entendemos a língua como uma atividade sociocultural, aprendida e compartilhada por uma comunidade. Nesse sentido, nosso objetivo será discutir aspectos culturais do sistema de predicativo na fala vilaboense, ou seja, fenômenos que decorrem da organização sintática da predicação que faz parte conhecimentos linguísticos dos falantes ao se comunicar por intermédio de expressões linguísticas. Com base em estudos da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) e de estudos culturais, buscamos analisar o sistema predicativo em uma perspectiva ontológica.

Na perspectiva da LFCU, os significados das construções linguísticas são relacionados ao conhecimento cultural dos usos das expressões. O sentido do que é dito não está localizado apenas nas formas das construções, isto é, as palavras são símbolos com sentido decorrentes de convenções socioculturais. Nesse entender, mudanças culturais promovem também mudanças na língua.

De acordo Everett (2019), as línguas mudam com o tempo por fatores linguísticos e culturais, ou seja, conhecer a língua de um povo é conhecer também sua cultura. Desse modo, conforme as relações simbólicas mudam na sociedade, os padrões linguístico se modificam no sistema, o que pode resultar em diferentes modos de realizações linguísticas no sistema predicativo.

Nossa busca é compreender o sistema predicativo na fala da cidade de Goiás e a língua como parte da cultura dessa comunidade, porque a cultura é um conjunto de conhecimento, valores e relações estabelecidas em grupos. Portanto, a língua faz parte da cultura porque decorre de um conhecimento compartilhado socialmente, expressa valores e relações no uso.

Em nossa metodologia de pesquisa, buscamos analisar o sistema predicativo na fala vilaboense por intermédio de inquéritos coletados no início do século XXI pelo Grupo de Estudos Funcionalistas da Universidade Federal de Goiás (GEF-UFG), no Projeto “Fala Goiana”. Para a análise dados, usamos discussões sobre predicação encontradas nos postulados de teóricos da LFCU, como Dik (1997), Fillmore (1996), e Fauconnier (1994). E

em estudos culturais como Tomasello (1999), Moraes (2008) e Everett (2019).

Esta pesquisa pode ser relevante para uma melhor compreensão das construções predicativas na fala goiana e do perfil linguístico dos usuários do estado de Goiás, considerando aspectos linguísticos e culturais, sendo estas as razões para a elaboração desse artigo. Esse trabalho é resultado de uma pesquisa que levantou as seguintes perguntas: (a) quais são as construções predicativas que fazem parte do conhecimento linguístico e cultural dos falantes na cidade de Goiás? (b) O sistema predicativo em Goiás segue a mesma ordem prototípica do português brasileiro (SVO)? (c) Em que nível linguísticos a predicação se realiza na fala vilaboense?

Para responder essas perguntas, estruturamos este artigo da seguinte forma: primeiro faremos uma discussão a respeito da predicação do ponto de vista cognitivo e cultural. Depois, analisaremos os inquiridos do *corpus* de pesquisa.

2 | A PREDICAÇÃO COMO UM ESQUEMA COGNITIVO E UMA CONSTRUÇÃO CULTURAL

Antes de passarmos a discutir o conceito de predicação falaremos brevemente sobre o conceito de gramática em uma perspectiva da LFCU, o que envolve também aspectos ontológicos e culturais do saber humano.

A Concepção de gramática na LFCU diz respeito a competência do falante de organizar a língua com fins a comunicação, o que envolve um conjunto de regras de uso que operam por intermédio de padrões cognitivos na conceptualização dos eventos no mundo e aspectos socioculturais. Nesse entender, na LFCU, a gramática faz parte do conhecimento do falante sobre a organização e o uso da língua por intermédio de estruturas simbólicas utilizadas nas representações linguísticas, ou seja, construções que são pareamentos convencionalizados de forma e significado. Os processos básicos de constituição de enunciados, por exemplo, são reflexos da própria organização linguística que simboliza a organização da vida.

Nesse sentido, compreendemos a predicação como uma construção que faz parte do conhecimento linguístico do falante. Dik (1997, p. 49) assevera que as sentenças devem ser compreendidas a partir de sua estrutura profunda, ou seja, de sua estrutura subjacente abstrata que pode ser mapeada pelas formas das expressões linguísticas.

A predicação é, portanto, uma proposição que se caracteriza por relações (formais e semânticas) entre um determinado predicado, que exprime propriedades e relação nas cláusulas, e um conjunto apropriado de argumentos que correspondem termos ou entidades. Essas relações designa a predicação, que corresponde a um Estado de Coisas – EsCo. O EsCo equivale a concepção de algo que pode ocorrer em algum mundo, físico ou imaginário, real ou virtual e alçam sua materialização por intermédio de expressões linguísticas. Esses acontecimentos são descritos em perspectiva cultural, de modo que cada grupo social interpretará o mundo de determinada maneira.

As expressões linguísticas seguem regras que orientam a materialização no aspecto formal. As regras realizam a intermediação entre a estrutura subjacente, ou seja, a construção predicativa que consiste no esquema cognitivo de organização da oração e a forma real das expressões linguística em cada língua.

As regras estabelecem as formas e a possível ordem dos argumentos na construção. A ordem prototípica do PB (SVO) resulta das regras de realização da forma nas expressões linguísticas. Da mesma maneira outras organizações sintáticas são possíveis no português porque são reguladas pelo sistema linguístico para atender aspectos pragmáticos e discursivos, ou seja, propriedades do significado das construções que são mobilizadas para atender fins comunicativos.

É importante ressaltar que as regras de realização podem variar em diferentes línguas, inclusive no PB. Considerando a língua como um fenômeno sociocultural, é natural que os padrões linguísticos sejam convencionalizados e estabilizados no sistema linguístico durante a história da comunidade de fala. Contudo, percebe-se a existência de uma estrutura cognitiva que organiza o predicado e as entidades que compõem a predicação – a estrutura subjacente - que ocupa um lugar no fundo da língua.

3 | DISCUÇÃO DOS RESULTADOS

Nessa seção, discutiremos a influência cultural na fala vilaboense e os postulados da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) que norteiam nosso entendimento sobre as construções predicativas encontradas na fala da cidade de Goiás.

3.1 Predicação

Em uma perspectiva baseada no uso, a predicação consiste em um esquema abstrato, virtual, em outras palavras, um esquema cognitivo do qual surgem novos padrões linguísticos, ou seja, novas construções que materializa na língua diferentes modelos de organização sintática em uma relação hierárquica distribuída em rede. De modo que o esquema mais abstrato, predicação, instancia construções mais concretas no uso da língua. Essas construções são esquemas cognitivos que estão atrelados aos padrões culturais, porque fazem parte do conhecimento linguístico compartilhado pelos falantes. Assim como em outras variedades do PB o esquema construcional mais prototípico consiste na seguinte construção:

(01) CX: [SN1 + V + SN2]

Essa construção surge no uso da língua e demonstra aspectos característicos da cultura que envolve a materialização das expressões linguísticas um esquema cognitivo perspectivado. Assim o falante organiza a sintaxe da língua de acordo com sua concepção do acontecimento no mundo. Nessa construção, o primeiro elemento, sintagma nominal

(SN1), em muitos casos desempenham a função de sujeito, o segundo naturalmente desempenha função de objeto (SN2) e o verbo, núcleo da oração, estrutura toda a sentença no jogo predicativo estabelecido em uma relação sintático-semântica. Esta construção básica do PB pode ser observada a seguir:

Inquérito: [...] na universidade é claro que aqui **a gente encontra mais pessoas** com... vontade... se policiando pra falar corretamente né... mais na rua não... na rua é muito difícil você encontrar assim alguém... (FALA GOIANA, 2003, p.3).

Essa construção predicativa pode instanciar novas construções em uma relação analógica estabelecida cognitivamente e compartilhada culturalmente pelos falantes. É o caso da seguinte construção:

(02) CX: [SN2 + SN1 + V]

Como podemos observar na construção em questão, ocorre o alçamento do SN2 com função de objeto para primeira posição da oração. Essa possibilidade sintática decorre de acordos sociais absorvidos pela cultura, que em contexto pragmático específico, possibilita o surgimento desse fenômeno. O contexto de pergunta/resposta geralmente viabiliza essa construção, uma vez que o falante ao responder seu inquiridor coloca na posição de tópico o referente linguístico da pergunta. A seguir, podemos observar a ocorrência dessa construção na fala vilaboense:

Inquérito: [...] não... arte nem tanto... mas **bagunça a gente fazia**... que parece que... a família resolveu tudo tê filho tudo junto né... (FALA GOIANA, 2003, p.4).

Consideramos que a construção com alçamento de objeto – (4) - seja uma instância do padrão mais prototípico do PB – (3). Observamos outras duas construções que representam subesquemas do padrão mais prototípico: a construção com apagamento de sujeito e com apagamento de objeto. Essas construções podem ser observadas a seguir:

(03) CX: [Ø + V + SN2]

(04) CX: [SN1 + V+ Ø]

Ambas construções ocorrem em contextos culturais diferentes. O PB se configura em um língua *pro-drop*, isso quer dizer que em alguns contextos de uso e devido a referenciação pragmática, o sintagma nominal com função de sujeito da oração pode ser apagado, ou seja, a referência ao elemento sujeito é conceptualizada no contexto. Outro aspecto que viabiliza o apagamento do sujeito está no sistema de conjugação e de

concordância na Língua portuguesa. Assim, a desinência do verbo indicará o referente na construção da sentença, como no dado a seguir:

Inquérito: já fui a Caldas... Anápolis... Goiás Velho... Brasília... São Paulo... **gosto muito de Caldas** e São Paulo... se eu pudesse voltar... eu voltaria... mais vezes... (FALA GOIANA, 2003, p.4).

A construção que apresenta o apagamento do segundo sintagma nominal da oração surge em contextos onde o referente já foi citado anteriormente, resultando na elipse de objeto. Como no exemplo a seguir:

Inquérito: **Ganhei [um prêmio] uma vez...** que foi num bingo que a gente fez lá em casa no Natal... que eu ganhei um potinho... porta-treco...foi TÃO emocionante... eu nunca tinha ganhado nada na minha vida...inda mais... entre a família lá né... foi tão bom... fiquei brincando com todo mundo assim... "eu ganhei... eu ganhei... iuhu... (FALA GOIANA, 2003, p.4).

A expressão em colchetes representa a entidade suprimida no discurso, mas que pode ser recuperada em outras partes da entrevista. Outros padrões construcionais podem ser observados no sistema predicativo da fala goiana. É o caso das construções encaixadas em construções predicativas mais complexas.

(05) CX: [SN1 + V + Sintagma oracional]

Nessa construção houve um encaixamento de uma predicação secundária que desempenha a função de um argumento em uma predicação principal. Esse arranjo predicativo firma suas bases no padrão mais prototípico, onde a posição do segundo sintagma nominal é ocupada pelo argumento com função de objeto – a predicação encaixada desempenha essa mesma função na oração. Vejamos no inquérito a seguir:

Inquérito: porque aí o transporte apesar de em algumas partes sê bom... não é em todos... **eu tenho que pegá ônibus...** ficar DUAS horas da minha casa pra vir pru campus... então é essa parte que eu NÃO gosto em Goiânia... (FALA GOIANA, 2003, p.1).

As construções com morfema clítico também são exemplos de construções predicativas encontradas no PB. Da mesma forma, essas construções também podem ser encontradas na fala goiana. A seguir o exemplo:

(06) CX: [SN1 + SN2 clítico + V]

Faz parte do conhecimento cultural do falante que em construções com uso do clítico, o segundo sintagma nominal com função de objeto sofre o processo de alçamento na oração, ocupando um lugar entre o argumento com função de sujeito e o verbo que ocupará a última posição nas construções transitivas diretas. Podemos observar essa construção no inquérito a seguir:

Inquérito: os motoristas na maioria das vezes... são gentis... cumprimento eles... **eles me cumprimentam** também... (FALA GOIANA, 2003, p.2).

Cabe ressaltar que as construções predicativas discutidas aqui e outras que não abordaremos nesse trabalho fazem parte do conhecimento ontológico humano acerca da língua e seguem regras de representação que são convencionalizadas na cultura de uma comunidade linguística. Essas construções são pares de forma e significado que estruturam a interação em contextos de uso envolvendo aspectos sociais e culturais.

Questões como alçamento ou apagamento de estruturas sintáticas decorrem de acordos socioculturais. Por isso, vale lembrar que esses padrões construtivos encontrados na fala vilaboense reflete estruturas linguísticas do PB que se distingue do português europeu justamente por ter recebido contribuições culturais diferentes das recebidas pelo português lusitano.

Além do aspecto ontológico da língua, ou seja, do conhecimento linguístico do falante, são os esquemas cognitivos em contexto de interação que viabiliza o surgimento de novos padrões construcionais com base no esquema mais prototípico em um movimento hierárquico de construções mais abstratas para construções mais específicas. Como veremos nas construções de predicado no próximo subitem.

3.2 O predicado

No *corpus* do Fala Goiana, percebemos que o sistema predicativo pode se organizar tendo como núcleo da predicação formas com verbos plenos, formas com verbos auxiliares e formas com verbos-suporte. O surgimento desses predicados está atrelado aos padrões culturais que surgem e são aceitos pelas convenções sociais.

3.2.1 Os verbos plenos

As construções predicativas com verbos plenos são as formas mais prototípicas no sistema predicativo do PB. Estas construções apresentam um núcleo verbal que estrutura e organiza os argumentos da oração em suas relações sintático-semânticas. No *corpus* da pesquisa encontramos algumas predicações que possui como elemento central o verbo em sua forma plena, como a construção (1) que representa o arranjo mais comum no sistema predicativo da fala goiana. Vejamos o exemplo:

Inquérito: Melhorô... aí já num tinha mais fome... já num tinha mais falta de roupa... calçado... eu vim calça sandalha eu tava com quinze ano... o meu primeiro serviço **eu comprei uma sandália**... pra mim calça... sandália avaianas (FALA GOIANA, 2003, p.04).

Como já explicamos, esse esquema é o mais ocorrente na construção de predicado. Por outro lado, as questões culturais e acordos sociais acerca da língua possibilitou o surgimento de novas construções de predicado com base no esquema cognitivo com verbo pleno, por se tratar de uma construção mais esquemática dentro da predicação. É o caso

das construções com verbos-suporte e com verbos auxiliares. Vejamos, inicialmente, a construção que apresentam predicado com verbos auxiliares.

3.2.2 Os verbos auxiliares

Outro tipo de padrão construcional que desempenha função de predicado da oração são as construções com verbo auxiliar. A perífrase com verbo auxiliar segue o mesmo padrão de variação das formas com verbos-suporte que discutiremos no próximo item. A construção de predicado com verbo auxiliar pode ser representada pela seguinte forma:

(07) CX: [V_{auxiliar} + V_{principal}]

No seguinte inquérito observamos o uso da construção com verbo auxiliar na fala de um informante de trinta anos, que poderia ser substituída pelo verbo *pensar* no futuro do presente (pensarão):

Inquérito: Primêro caso que vai acontecê... que eles **vão pensar** que eu tenho dinheiro...pode causá uma mal infruença né... assim pra gente... pra riba da gente né... pode... alguém pode tê uma mal intenção com a gente.” (FALA GOIANA, 2003, p.12).

Nem toda construção de predicado com verbo auxiliar pode ser substituída por verbos plenos. Em alguns casos, essa construção surge na cultura, para suprir falta de formas no léxico que possam representar o acontecimento no mundo com a mesma expressividade e efeitos de sentido solicitado pelo contexto pragmático ou por necessidades de elaboração discursiva.

No caso do inquérito apresentado, o verbo *ir* está gramaticalizado porque não desempenha a função prototípica do verbo na oração – a seleção de argumento. Porém, mantém seu atributo natural de marcar na predicação aspectos, tempo, modo, número e pessoa. Segundo Azeredo (2014, p.201): “São características de formas gramaticalizadas: esvaziamento ou enfraquecimento semântico, tendência de invariabilidade mórfica, mudança de classe, comportamento de auxiliar nas construções”.

As construções com verbo auxiliar são esquemas mais específicos que sofre processo de dessemantização devido ao processo de gramaticalização. De modo que parte da construção perde seu significado prototípico para compor o predicado das orações. Por isso, entendemos que estas construções são parcialmente composicionais. Além disso, também consideramos estas construções muito produtivas no sistema linguístico pela sua extensibilidade.

3.2.3 Os verbos-suporte

As construções de predicado com verbos-suporte, também conhecidos como verbos leves, constituem a predição em um esquema composto por um verbo gramaticalizado e

uma forma nominal que desempenha o papel de núcleo da predicação. Como no exemplo:

(08) CX: [V_{suporte} + (N)]

Da mesma maneira que acontece em construções com verbos auxiliares, a construção de predicado com verbo-suporte também apresenta esquemas produtivos pela extensibilidade das construções. No inquérito a seguir, um exemplo de construção com verbo-suporte:

Inquérito: na bolsa... e outra vez foi... por aqui... na faculdade mesmo... quando eu tava chegando... quando **eu dei falta... do meu celular** já não estava comigo mais... então... perigo mesmo... eu não enfrentei... (FALA GOIANA, 2003, p.02).

Algumas expressões, por exemplo, surgem na língua primeiramente em formas com verbo-suporte, é o caso de expressões ligadas as novas tecnologias como em *dar um google*, *dar um print* e *dar match* em contextos de interação em mídias digitais. Essas novas formas proveniente da cultura e expansão tecnológica se estabelecem porque no momento em que surge um novo fato sociocultural, não existe uma forma na estrutura linguística para sua representação verbal, por isso, torna-se necessário o estabelecimento de novas expressões.

As construções de predicado com representações não relacionadas às ações humanas, por exemplo, tendem a aparecer no repertório dos usuários em formas com verbo-suporte, como por exemplo, o verbo *ventar*, que cognitivamente não está relacionado a uma atitude possível realizada pelos humanos ou seres animados de um modo geral, por isso, surge a expressão *dar um vento* que funciona como um recurso de impessoalidade. O mesmo ocorre na construção *dar um relâmpago*, que substitui em mesmo contexto a construção *relampejar*, e a construção *dar uma chuva* que pode substituir a construção verbal pleno *chover*.

Inquérito: Uma vez **deu uma chuva** forte rapaz, uns istalo, aqueles relampo forte. E aí nós saiu da aula e andô um poco e cumeçô. E passava dibaxo daquelas cerca de arame, né. (FALA GOIANA, 2003, p.03).

Outra regularidade, observada no *corpus*, do uso das construções perifrásticas com verbo-suporte é a extensão cognitiva de padrões linguísticos. Por exemplo, o uso da construção *deu infecção* que estabelece variação com o verbo *infecionar* e *deu um infarto* que equivale ao verbo *enfartar* pode, por analogia, facilitar o surgimento de outras expressões baseadas no modelo cognitivo verbo “*dar+enfermidade/doença*” para construções que não possui um verbo equivalente no sistema linguístico. Isso possibilita o surgimento de expressões como: *dar derrame* e *dar eclâmpsia* - construções encontradas no *corpus* do Fala Goiana e que não possui no sistema linguístico um verbo prototípico correspondente. No inquérito a seguir podemos observar um exemplo desse modelo

cognitivo que resulta na construção *dar febre*:

Inquérito: Depois de grande... com doze ano... ela faleceu... **deu uma febre** e num tinha condição de vim pa Goiás... que nessa época num tinha carro... assim o suficiente... FALA GOIANA, 2003, p.04).

Algumas construções com verbo-suporte consistem em padrões culturalmente convencionalizados e em muitos casos com sentido atrelado em contextos culturais delimitados como no caso das expressões idiomáticas. Essas construções constituem padrões com o uso mais metaforizado que surgem na cultura linguística de uma comunidade e se estabilizam semanticamente no social. É o caso de construções como em:

- Ele **tem estômago** para aguentar. [Sentido de *suportar* alguma situação]. (dados não sistematizados).
- Eu **bati perna** no centro hoje. [Sentido de *caminhar* por período considerável]. (dados não sistematizados).
- Ele **engoliu sapo** do chefe no trabalho. [Sentido de *ouvir e se calar* diante uma reclamação]. (dados não sistematizados).

Nesses casos, há relações metafóricas e metonímicas fortes e a noção de unidade da construção é mais intensa. Portanto, o núcleo substantivo não indicará o verbo correspondente da construção mais prototípica, o sentido é localizado dentro de uma perspectiva sociocultural, por isso, não existirá um verbo equivalente à tais expressões. Podemos observar que, nessas expressões, o sentido principal não se localiza no verbo, porque, o significado se estabelece no conjunto dos elementos da forma, ou seja, está na construção como um todo. As construções idiomáticas demonstram suas bases fundadas na cultura.

O entendimento da língua como um sistema construcional complexo decorre da compreensão dos aspectos sociais e cognitivos que envolvem o uso linguístico. Nesse sentido, a LFCU, na maioria dos casos, constitui-se como o aporte teórico apropriado para o entendimento da língua, porque ajuda na compreensão de aspectos da forma e do significado da construção linguística, como os aspectos semânticos, pragmáticos e discursivos, além, dos aspectos cognitivos que realizam a mediação entre o indivíduo e o mundo na atividade linguística, o que envolve a dimensão sociocultural do uso da língua.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo buscou analisar o sistema predicativo na fala da cidade de Goiás. Consideramos que as construções predicativas, assim como todo o sistema linguístico faça parte do conhecimento cultural dos falantes. Desse modo, a predicação constitui um fenômeno linguístico, mas também cultural.

Considerando uma abordagem baseada no uso, entendemos que a predicação faça parte do conjunto de esquemas cognitivos mais abstratos, por isso, instancia construções

mais complexas e com especificidade fonológica, morfológica e sintática. Nesse sentido, as construções predicativas encontradas no *corpus* de pesquisa são derivações desse padrão virtual geral. Um ponto importante de destaque nessa pesquisa é a consideração da relação entre língua e cultura. As construções predicativas além de fazer parte do conhecimento linguístico dos falantes, são fruto de acordos sociais porque toda construção na língua só encontra sua realização no uso através da convencionalização das formas linguísticas.

No *corpus* do Fala Goiana, percebemos que o sistema predicativo pode se organizar de diferentes maneiras e pode estabelecer construções predicativas com verbos plenos, formas com verbos auxiliares e formas com verbos-suporte, que pode se organizar de maneiras diferentes para atender contextos pragmáticos na elaboração do discurso. Deste modo, identificamos na fala vilaboense construções predicativas com alçamento, rebaixamento e apagamento de constituintes na oração. O surgimento dessas construções predicativas está atrelado aos padrões culturais que surgem e são aceitos pela sociedade.

Assim como em outras variedades do PB o esquema construcional mais prototípico consiste na construção (SVO), que possui um sintagma nominal com função de sujeito, uma sintagma nominal com função de objeto e um núcleo verbal que estrutura toda predicação devido à aspectos sintático-semânticos. Desta maneira, o sistema predicativo na fala vilaboense segue a mesma ordem prototípica do PB. Porém, esta ordem não é canônica, porque dependendo de necessidades comunicativas o falante organiza a construção predicativa de acordo com padrões simbólicos culturais e de regras de realização linguística convencionalizadas pelos falantes.

Toda a organização predicativa ocorre em contexto sintático, diferentemente de algumas línguas indígenas brasileiras em que as funções de sujeito e objeto ocorrem em estruturas no nível morfológico. A fala vilaboense segue o padrão do PB, porém, é importante destacar que o português é uma língua *pro-drop*, por isso a variação morfológica desinencial do verbo possibilita o apagamento de estruturas sintáticas com função de sujeito, característica também observada na fala da cidade de Goiás. Também, o contexto pragmático pode ocasionar no apagamento de estruturas sintáticas com função de objeto.

É importante destacar em nossa análise que os símbolos linguísticos correspondem a maneira que os falantes interpretam e representam as coisas no mundo. Portanto, qualquer estudo linguístico deve considerar os processos históricos e culturais que envolvem a língua e seus falantes, porque são as convencionalizações linguísticas e o uso que modificará o sistema e levará ao surgimento de construções características da fala de um povo. Nesse sentido, concluímos este artigo observando que o conhecimento ontológico possibilita o entendimento da língua e fatos que vão além da forma que estão em um nível extra-verbal, ou seja, na cultura.

REFERÊNCIAS

AZEREDO, J. C. de. **Gramática houaiss da língua portuguesa**. São Paulo: Publifolha, 2014.

BYBEE, J. **Language, usage and cognition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

CROFT, W.; CRUSE, D. A. **Cognitive linguistics**. New York: Cambridge, 2004.

DIK, S. **The theory of functional grammar**. New York: Mouton de Gruyter Berlin, 1997.

EVERETT, D. L. **Linguagem: a história da maior invenção da humanidade** /tradução de Mauricio Resende. – São Paulo: Editora Contexto, 2019.

FILLMORE, C. J. **Essays in semantics and pragmatics**. Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1996.

GONÇALVES, S. C. L.; LIMA-HERNANDES, M. C.; CASSEB-GALVÃO, V. C. (orgs.). **Introdução à gramaticalização**. São Paulo: Contexto, 2019.

GOLDBERG, A. E. **Constructions at work: The nature of generalization in language**. New York: Oxford University Press, 2006.

LANGACKER, R. W. **Foundations of Cognitive Grammar**. v. 1. Theoretical prerequisites. Stanford, Cal.: Stanford University Press, 1987.

NEVES, M. H. de. **Gramática de usos do português brasileiro**. 2.ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

TOMASELLO, M. **Origins of Human Communication**. Cambridge: MIT Press, 2008